

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 109 — Domingo, 10 de Julho de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO

AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS

PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

AS ESCOLAS TÉCNICAS

O RITMO alucinante que o progresso material atingiu, nestes últimos cem anos, encontra, sem dúvida, a sua origem, no desenvolvimento igualmente alucinante da técnica. O aproveitamento da força motriz e da energia eléctrica, nos mais variados sectores da actividade industrial, abriram ao homem horizontes cada vez mais largos na conquista dos segredos que a natureza avaramente guardava, trazendo como consequência uma rápida multiplicação das suas necessidades e uma maior possibilidade de satisfação delas. Com a recente descoberta da energia atómica, o mundo encaminha-se para uma fase de progresso material, cujos limites será difícil determinar, dadas as enormes possibilidades que ela oferece ao industrialismo.

E' certo, portanto, que o progresso material está estreitamente relacionado com o progresso técnico.

CARDOSO MARTHA

Em Lisboa, foi vítima de uma queda, ao descer de um «eléctrico», o distinto escritor e jornalista, nosso estimado colaborador, sr. Manuel Cardoso Martha, que sofreu algumas contusões. Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

NA CASA DO ALGARVE

UMA CONFERÊNCIA do maestro PAVIA DE MAGALHÃES

SOBRE "MÚSICA E MÚSICOS DO ALGARVE"

RESULTOU muito brilhante a sessão efectuada na passada quinta-feira, na Casa do Algarve, promovida pela Comissão Cultural em cooperação com a Comissão de Festas.

Presidiu o sr. dr. Ascensão Contreiras, ladeado pelos srs. dr. Luis de Oliveira Guimarães, coronel Victorino Corvo, dr. Garcia Domingues e Arnaldo Martins de Brito.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Garcia Domingues, que expôs em breves palavras a finalidade da sessão que se ia efectuar: revelar aos algarvios um pouco da música e dos músicos do Algarve, infelizmente até agora mal conhecidos. Agradeceu depois ao Maestro Pavia de Magalhães a sua conferência assim como a organização do Sarau, de muita importância para uma justa apreciação do Algarve musical.

Entrando no uso da palavra o conferente da noite, Maestro Pavia de Magalhães, começou por expor a necessidade de um Conservatório de Música em Faro, mostrando como lá fora, na maior parte dos países civilizados, há um Conservatório de música em cada

mas também é certo que essa relação de dependência directa supõe, como condição básica, a existência de um número avultado de indivíduos que, pela sua preparação técnico-profissional assegurem o desenvolvimento industrial e comercial da Nação.

Um conjunto de circunstâncias fazem adivinhar para Portugal, num período muito próximo, uma fase de particular engrandeci-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

FORMAÇÃO DO MUNDO LATINO

Pelo Major SOUSA NUNES

VAI-SE distanciando o tempo em que se acreditava haver sido berço da humanidade a Ária, região vizinha daquela onde desce a Arca de Noé, após o Dilúvio Universal. Hoje sabe-se, pelas descobertas dos sábios antropólogos do século passado, que os primeiros habitantes da terra nasceram e viveram milhares de séculos, em cavernas abertas nas rochas de cada nação.

O viveiro mais importante do Mundo Latino provou-se ter sido a Cordilheira dos Pirinéus, de um e outro lado, em duas rub-raças: Lígures e Iberos. Todos falavam a mesma língua e tinham o mesmo ar de família — estatura mediana, cabelos e olhos negros, rosto tri-

CENTENÁRIOS E MONUMENTOS

O HEROI DE CHAIMITE

Por MARGOS ALGARVE

III

ALEXANDRE Herculano continua vivo, para mim, como o melhor historiador português.

A sua política liberal não lhe adulterou o sentido histórico do seu modo de pensar, no campo político e no religioso. Foi, inalteravelmente, um ser liberto de taras, incoerências e paixões.

Homem de carácter firme, rígido, enérgico, de aqueles homens a quem Sá de Miranda se refere nestes cinco versos:

Homem dum só parecer,
Dum só rosto, uma só fé,
Dantes quebrar que torcer,
Ele tudo pode ser
Mas da corte homem não é.

Fiel amigo de D. Pedro V, que por ele alimentou uma verdadeira estima. Mais tarde, desgostoso com a política pela qual emigrou e se bateu valorosamente, foi viver para Vale de Lobos, por serem menos ferozes que os de Lisboa...

Gustavo Palante, anos depois, na sua Sociologia, traça este quadro edificante: «Dizem que quem vive só é um mau. Lembremo-nos, no «Ventre de Paris», de Emílio Zola, da personagem de aquele doce e inofensivo Florent montado pelos ódios imbecis do bairro, só porque vive na solidão, absorvido no seu sonho de filantropo utópista.

Para a sociedade é um criminoso o que se conserva afastado das ineptas e enraivadas coligações gregárias, o que não quer uivar e enfurecer-se com os lobos que o rodeiam.»

Oliveira Martins e Rocha Martins também foram historiadores de mérito. Mas ambos ficaram longe da posição imparcial conquistada por Herculano.

Oliveira Martins foi primeiro socialista e, sob a influência dessa política agitada pelo espírito sectário do francês Proudhon, atacou os políticos do período constitucional português com desenvoltura e dureza. Com o seu grande amigo Antero de Quental,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CARTA DE LISBOA

UMA CAMPANHA em marcha

DESLOCOU-SE ao Funchal o Subsecretário de Estado da Educação e o Funchal recebeu a sua visita com extremos de entusiástica hospitalidade.

Está, sem dúvida, esse modo de proceder de acordo com as tradições do bom povo madeirense,

CUMPRINDO UM DEVER CÍVICO

DECORRERAM vinte e três anos — completos no passado dia 5 — sobre a data em que o prof. dr. Oliveira Salazar, depois de uma permanência de quatro anos na pasta das Finanças, assumiu a chefia do Governo, iniciando uma nova etapa na vida política da Nação.

Vinte e três anos são apenas um ápice na História de um Povo — mas representam imenso na vida de um homem. E quando esta vida se subordina, de alma e co-ração, à satisfação de um ideal superior, ao cumprimento metódico de uma obra notável e brilhante de ressurgimento, inspirada pelo mais acendrado fervor patriótico e servida por uma mentalidade genial, pode dizer-se que vinte e três anos podem representar inteiramente uma vida. Mas, porque foram intensamente vividos ao serviço de um ideal sempre envolto nas chamas de inabalável fé, gravaram, em letras de ouro, neste quarto de século da História lusitana, algumas das suas mais gloriosas páginas.

Recordá-lo, é apenas cumprir um dever cívico.



Dr. Oliveira Salazar

EXPOSIÇÃO DE SUPER-LIBRIS

TEM-SE difundido ultimamente, e por forma digna de registo, o gosto do ex-libris, como peça de arte e como elemento subsidiário da bibliologia, da heráldica, da história e ciências afins.

Como se sabe, o ex-libris ou «pertence» é a marca de posse dum livro, aposta nele pelo seu possuidor, a qual vantajosamente substitui a assinatura manuscrita, que enxovalha o volume, designadamente quando inscrita em diagonal no seu frontispício, como inúmeras vezes sucede. O uso do ex-libris está hoje disseminado por todo o mundo, e também por todo o mundo pululam colecionadores destas graciosas vinhetas. São já multidão as agremiações ex-libristas e quase todas possuindo o seu órgão privativo.

Há duas espécies de ex-libris; o próprio dito, colado em geral na pasta interior da encadernação, e o super-libris, ou supra-libris, apostado a ouro, prata, ou a seco no couro, pelica ou percallina das pastas exteriores.

Já algumas exposições de ex-libris se fizeram em Portugal: duas em Lisboa, a 1.ª na Imprensa Nacional, por iniciativa do saudoso jornalista Luis Derouet, seu director (e foi esta, na ordem cronológica, a que entre nós inaugurou a série); a dos ex-libris desenhados por António Piedade, na Soc. Propaganda de Portugal e a 3.ª dos que António Lima desenhou e expôs, com êxito, no salão do S. N. I.; duas na Figueira da Foz, e 3 no Porto, a última delas também do artista Lima, estando para breve anunciada outra, também de Lima, no Rio de Janeiro.

Ainda, porém se não tinha produzido entre nós uma exposição exclusivamente de super-libris, e é uma desta modalidades que no final do verão vai abrir em Lisboa, no Palácio Foz. Para ela, já muitos bibliófilos e ex-libristas puseram à disposição da Academia

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

DOCA DE PESCA

Em Lisboa, na Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, procedeu-se à abertura das propostas para a construção do porto de pesca de Vila Real de Santo António.

Os empenheiros concorrentes foram em número de cinco, variando as respectivas propostas entre 10.036 contos e 20.809 contos.

CHEFE DA SECRETARIA DA CÂMARA MUNICIPAL

Foi publicado no «Diário do Governo» o aviso de que está aberto concurso para o lugar de chefe da secretaria da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

TOMOU POSSE DO NOVO CHANCELER DA AGÊNCIA CONSULAR DE ESPANHA

EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PARA celebrar a posse do chanceler do Consulado de Espanha, recentemente nomeado para exercer funções na Agência Consular local — facto que anunciamos oportunamente —

o sr. D. Enrique Suárez de Puga y Villegas, ilustre cónsul de Espanha em Faro, ofereceu um «vinho espanhol» nos jardins do edifício consular de Espanha nesta vila, a que assistiram, entre outros convidados, os srs. dr. Alonso Vasques, presidente da Câmara Municipal; capitão-de-mar-e-guerra João E. Henriques de Brito, capitão dos portos desta vila, Faro e Tavira; dr. Reinaldo Prazeres, presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Matias Barroso Gomes Sanches, vice presidente da Câmara Municipal e vice-cónsul da Holanda; comendador D. Mário Parodi, vice-cónsul de Itália; Emílio Garcia Ramirez, vice-cónsul da Finlândia; dr. Manuel Vargas, conservador do Registo Civil; capitão Monteiro Pacheco, comandante da Guarda Fiscal; drs. José Nunes Lopes e Ribeiro Belga, respectivamente, chefe e oficial da Alfândega desta vila; José Rodrigues Marques, despachante oficial; Marques da Costa Fernandes, em representação do chefe do posto local da P. I. D. E.; Armando Gonçalves, chanceler do Consulado de Espanha em Faro; o director do «Noticias do Algarve», etc.

Num breve e elegante discurso, o sr. cónsul de Espanha fez a apresentação do novo chanceler, que é um funcionário muito dis-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

AMIGA

Árvore, sejas tu o roble antigo, o esguio cipreste, ou o salgueiro debruçado nas águas de um ribeiro, tens sempre em mim um defensor e amigo.

Compenheira fiel, daqui bendigo o teu socorro maternal primeiro; de ti me veio a arca, onde encoleiro o oiro alegre e germinal do trigo;

de ti a brasa, que me aquece e alenta, a tosca trave, que o meu lar sustenta e a mesa em que mastigo o duro pão...

e vê tu que destino tão diverso: deste-me as pobres traves do meu berço, irmãs das que me esperam no caixão!

CARDOSO MARTHA

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve durante alguns dias em Silves, tendo já retirado para Lisboa, onde reside, o nosso estimado amigo e prezado colaborador sr. Julião Quintinha, escritor e jornalista.

Com demora de alguns dias, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. António Cordeiro Marques da Costa, que deve regressar brevemente a Lisboa.

Por motivo da recente licenciatura, em ciências económicas, de seu filho, o nosso conterrâneo sr. Alistair D. M. Falconer, foram a Inglaterra, assistir às tradicionais cerimónias universitárias de final de curso, o nosso prezado amigo e assinante sr. Maurice D. M. Falconer, e sua esposa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso estimado assinante sr. Gilberto Gomes Sares, funcionário de Finanças em Évora, o qual, acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, de visita a sua família.

Encontra-se nesta vila, acompanhada de seu filho, a sr.ª D. Maria de Lourdes Faustino, esposa do nosso prezado assinante sr. João Faustino, residente em Lisboa.

Regressou da quinta de A Cela, aonde tinha ido executar alguns serviços de pintura, o nosso prezado assinante sr. João Leiria.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Manuel António Caldeira, residente em Lisboa.

Doente

Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso querido amigo e estimado assinante sr. tenente dr. Santiago João Carrilho Medeiros, que se encontra internado, presentemente, no Hospital Militar da Estrela, em Lisboa.

COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE MÉRTOLO

Chega hoje à praia de Monte Gordo o primeiro turno da Colónia Balnear Infantil, num total de 52 crianças, que a Câmara Municipal de Mértola, com a cooperação de alguns proprietários, vem mantendo a exemplo dos mais anos.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A LAGOA

Foi autorizada a Câmara Municipal de Lagoa a contrair um empréstimo de 650 contos para abastecimento de água à sede do concelho.

AUTOMÓVEL

Símba Aronde, estado novo VENDE-SE Dirigir-se: Apartado 1 Vila Real de Santo António

GRUPOS PARA REGAS

Desde Esc. 3.200\$00 Consulte a Agência Comercial e Marítima do Sul TELEFONE 76 Vila Real de Santo António

SALVADOR VALONGO

DESPACHANTE OFICIAL Telefone 246 PORTIMÃO

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

O fornecimento de sardinha à indústria de conservas

Acerca de um projecto de reorganização da indústria de conservas a que em tempos nos referimos, emitiu, o mês passado, a Câmara Corporativa um extenso parecer. Dele e a propósito de uma possível convenção entre os industriais de pesca e conservas, extraímos as seguintes passagens:

«...o problema parece não comportar mais do que duas soluções razoáveis: ou os acordos com a indústria da pesca, ou a reorganização da indústria, dotando-a de artes próprias.

Será este um delicado problema, que a comissão reorganizadora deslindará. Mas, dada a organização existente, a solução dos acordos parece, desde já, a preferível para as duas indústrias interessadas.

A mecânica dos acordos deverá, no entender da Câmara, assentar no princípio, previamente definido pelo Governo, da preferência, dentro de condições determinadas, na aquisição da sardinha, reconhecida à indústria de conservas.

Os acordos fixarão, por exemplo, o contingente anual que a indústria adquirirá a preço mínimo ou entre limites mínimos de preço. Mas deverá também estabelecer um preço máximo ao qual a indústria poderá optar pelas quantidades suplementares de que carecer.

As artes da pesca deve reconhecer-se o direito de impor à indústria de conservas a aquisição do contingente anual aos preços mínimos estabelecidos. Fica a indústria da pesca, por esta cláusula, garantida contra um aviltamento dos preços de sardinha, que poderá verificar-se em anos de excepcional abundância.

E não será argumento de aceitar, para dispensa da obrigatoriedade de preenchimento do contingente fixado, certa retracção dos mercados externos, não previsível no momento da celebração do acordo anual. A indústria de conservas (pelas possibilidades de vantagens que lhe são concedidas) ficará em condições de produzir para stock. No acordo entre as duas indústrias, a celebrar no ano seguinte, o contingente de sardinha será fixado tendo em conta os stocks existentes e as perspectivas do mercado.

Viu-se já que uma das principais causas da concorrência que nos mercados externos se fazem os produtores nacionais está na independência ou falta de solidariedade entre os vários centros quanto às condições de abastecimento de uma matéria-prima que representa cerca de um terço do custo do produto. De facto, as diferenças em preço e em quantidade de sardinha oferecidas que se verificam — ou podem verificar-se em anos em que os cardumes se distribuem menos regularmente — de centro para centro, além de outros motivos de forte diferenciação, fazem com que, a bem dizer, não haja na prática uma indústria nacional, de interesses solidários; há, antes, várias indústrias regionais postas em situação de concorrerem lealmente entre si, tão lealmente como cada centro e todos em conjunto concorrerão com a produção estrangeira. Sem dúvida que mesmo nas condições actuais lhes deve interessar, aos vários centros portugueses, não se arruinarem em luta nos mercados externos, como lhes poderia interessar também um acordo do mesmo tipo com um grande concorrente estrangeiro.

O reconhecimento da prioridade na aquisição da sardinha e a fixação, por acordo, de um contingente anual que cubra as necessidades normais de todos, virão, sem dúvida, criar essa solidariedade, dando à indústria a noção palpável do interesse nacional que a deve unir e diminuindo-lhe não só a tentação, mas a própria possibilidade de, em condições económicas, concorrer entre si.

Embora seja de prever que cada

um dos centros pescará, no período próprio, o bastante para fornecer a indústria local, é de admitir a hipótese de, em determinada safra, a sardinha escassear num centro e abundar noutro.

Para esta hipótese, os acordos entre os Grémios dos Industriais de Conservas e o dos Armadores de Pesca de Sardinha deverão prever a possibilidade de as fábricas de um centro se poderem abastecer em centro diferente, e estabelecer o esquema de solução dos problemas daí emergentes, sendo de admitir a criação de um fundo de compensação.

No que toca à quantidade e ao custo da produção, são estes os aspectos que, de momento, podem ser encarados e resolvidos.

Todos os outros: concentração das empresas; centralização ou dispersão do fabrico de «vazio»; mecanização possível do «cheio»; indústrias complementares e de aproveitamento dos subprodutos para utilização da mão-de-obra disponível, tais são alguns dos problemas que é mister equacionar e resolver, com a maior urgência, mas que só depois do estudo a realizar pela comissão reorganizadora poderão ser trazidos a uma discussão útil.

A pesca do bonito em Vigo

Começou, na segunda quinta do mês passado, a pesca do bonito exercida pela frota de Vigo, a qual se prolonga, como de costume, até ao fim do ano. As quantidades capturadas têm variado entre 10 e 35 toneladas diárias, e as cotações oscilam entre 7, 8 e 10 pesetas o quilo. Pode dizer-se que a importante indústria conserveira de Vigo, onde este ano voltou a aparecer a sardinha, embora em pouca quantidade, vive à base do bonito.

O que nos surpreende é que em Portugal, já não falamos no Algarve, que devia ser o principal interessado, não se tenham ainda armado alguns barcos, de preferência com instalação frigorífica, para praticarem esta rendosa pesca. Cremos que não seria despesa incomportável para um grupo de industriais armar ao menos um barco de umas 70 toneladas para exercer a citada pesca, que sofre menos que qualquer outra os precalços da irregularidade.

Armadores da pesca da sardinha

Segundo o relatório das direcções da Cooperativa e Mútua dos Armadores da Pesca da Sardinha, referente ao ano findo, foi em Vila Real de Santo António que menos sinistros se registaram nos barcos de pesca, o que prova que a nossa frota é das melhores do País, que o nosso porto é seguro e que o pessoal é óptimo. Nos 28 barcos seguros, verificaram-se apenas 15 sinistros, pelos quais foram pagas indemnizações no montante de 55 contos. A Figueira da Foz, que tem seguros apenas 15 barcos, pagou a Mútua indemnizações no valor de 835 contos.

A pesca em Espanha

No ano findo, o valor da pesca marítima em Espanha foi de 2.675 milhões de pesetas, menos 553 milhões do que no ano de 1953. O número de toneladas recolhido pela frota pesqueira ascendeu a 523.053, menos 45.676 que no ano anterior. O preço médio do peixe foi de 4,82 pesetas o quilo. — J. B.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

Visado pela Comissão de Censura

PROVINCIA

VILA NOVA DE CAGELA

Desastre

No passado dia 5, quando os cabouqueiros José das Dores e António Bento Júnior, respectivamente de 49 e 60 anos, trabalhavam numa pedreira do sítio da Marcela, desta freguesia, propriedade do sr. José dos Santos Brito, quando menos o

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal o sr. José Valentim do Nascimento, e o sr. Fernando da Silva, por indicação do nosso conterrâneo sr. Manuel Vicente Campinas.

A todos, os nossos agradecimentos.

REFEITÓRIO DE INDIGENTES

Refeições distribuídas durante o mês de Junho findo:

A pobres de Monte Gordo 3.000 A pobres desta vila 2.100 Total 5.100

Leite fornecido a doentes pobres, litros 150 Importe das 5.100 refeições (não incluindo o leite, que foi oferecido) Esc. 10.221\$60 Donativos em dinheiro a indigentes 890\$00 Total dispendido Esc. 11.111\$60

Mais um mês decorreu, e com ele mais 11.111\$60 foram gastos pelo Refeitório de Indigentes com a assistência aos pobres do nosso concelho, o que eleva para 55.134.90 o total dispendido nos primeiros 5 meses de actividade da Junta de Freguesia, na execução do seu plano de repressão da mendicidade local.

Continua a Junta de Freguesia envidando os seus melhores esforços no sentido de tornar possível esta cruzada de bem fazer, mas não poderá por si só atingir o seu objectivo, se não encontrar da parte da população e autoridades locais o carinho e a colaboração indispensáveis à solução de tão melindroso problema.

A quotização voluntária é insuficiente e está ainda muito aquém do que pode e deve ser, pois muitas pessoas, que podem contribuir para o Refeitório, não o fazem, e preferem dar esmola às suas portas, perturbando e dificultando desta forma tudo quanto se está a fazer neste capítulo, a bem da nossa terra.

O Refeitório de Indigentes distribui diariamente duas refeições substanciais aos pobres desta Vila e Monte Gordo. Dá, além disso, todos os sábados, uma esmola pecuniária aos indigentes e tem nas suas instalações uma barbearia privativa que garante a limpeza de barbas e cabelos aos pobres do Refeitório. Julga-se, pois, que a assistência prestada através do Refeitório é suficiente, podendo ainda ser ampliada, se as suas possibilidades assim o permitirem. Por isso, não faz sentido e não se justifica que continue na sua faina de pedincha os pobres que beneficiam da assistência do Refeitório, motivo por que urge e se impõe:

1) A colaboração de todos os habitantes da nossa terra, evitando a esmola à porta e nas ruas e passando a contribuir para o Refeitório de Indigentes, permitindo assim que a quotização atinja a verba julgada necessária para ajudar a ocorrer aos seus elevados encargos;

2) Reprimir com mais energia o vício da mendicidade com o seu estendal de miséria nas ruas da nossa terra. Chama-se para isso a atenção das autoridades policiais ou de quem nelas superintende.

Só com uma leal colaboração e um conjunto de boas vontades será possível resolver o problema. E não seja só a Junta a demonstrar essa boa vontade.

esperavam foram atingidos por uma barreira que se desprendeu.

Socorridos por companheiros, foram conduzidos ao Hospital de Vila Real de Santo António, onde o médico de serviço, sr. dr. Francisco Dias Cavaco, verificou o óbito do José das Dores, por não ter resistido aos ferimentos recebidos. Deixa viúva a sr.ª Dores Maria Bento e um filho, Manuel Bento das Dores. O seu funeral realizou-se, no dia seguinte, para o cemitério de Vila Real de Santo António.

Tendo o mesmo sido feito, pela «Casa Funerária» daquela vila.

Quanto ao António Bento Júnior, depois de pensado, recolheu a casa, sendo entregue aos cuidados do médico municipal desta vila, sr. dr. José Vasco Nunes. — e.

Agência Consular de Espanha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tinto do Ministério das Relações Exteriores espanhol, donde veio directamente para esta vila, tendo já servido nos consulados daquele país em Hendaia e Gibraltar. Saliemto, seguidamente, as vantagens resultantes do funcionamento da chancelaria local para quem necessite de utilizar os respectivos serviços consulares, referindo-se ao Consulado de Espanha nesta vila como «uma tradição que deve ser mantida».

Na qualidade de decano do corpo consular acreditado nesta vila, o comendador Mário Parodi, saudou o novo chanceler D. Francisco López Tejero, e agradeceu ao sr. cónsul de Espanha a gentileza da recepção, num breve improviso.

O sr. presidente da Câmara começou por agradecer ao sr. cónsul de Espanha a gentileza do seu convite, com o que se sentia bastante honrado, e agradeceu em nome dos interesses do seu concelho a reabertura da Agência Consular de Espanha nesta vila, oferecendo ao mesmo tempo todo o seu préstimo para tratar em conjunto dos vários assuntos que possam interessar às relações amigáveis dos nossos dois países. Por fim, brindou pelas prosperidades da nação irmã e bebeu pela saúde e felicidades pessoais do sr. cónsul de Espanha.

Tanto o sr. cónsul de Espanha, como sua esposa, a sr.ª D. Odete Suárez de Puga, que estava acompanhada da Senhora de Alexandre, foram gentilíssimos na forma cativante como receberam os seus convidados, que se retiraram encantados com uma tarde de ameno convívio luso-espanhol, perfeitamente dentro do espírito da tradicional amizade peninsular.

No dia seguinte, sexta-feira, o novo agente consular ofereceu um jantar, em sua casa, ao qual assistiram, entre outras personalidades, o sr. eng. Mascarenhas Gaivão, ilustre governador civil, e sua esposa; o sr. dr. Alonso Vasques, ilustre presidente deste Município, e o sr. D. Enrique Suárez de Puga y Villegas, digno cónsul de Espanha, em Faro.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 2 a 8 de Julho:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes TRAIINEIRAS (Deolinda Rita, Brisa, Norte, etc.) and CERCOS (Amazona, Novo S. José, Estrela do Sul).

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António (499 Atuns, 38 Atuarros, etc.)

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António (SEAMEW, Inglês, de 1.220 ton., etc.)

Entrados: SEAMEW, Inglês, de 1.220 ton., de Cádiz, com carga em trânsito. CORVO, Português, de 773 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Cádiz, com carga em trânsito. COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

SCHWANECK, Alemão, de 1.298 ton., de Antuérpia, com folha de fardes. ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tânger, com carga em trânsito. Saldos: ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.

SEAMEW, Inglês, para Dublin, com alfarroba triturada. CORVO, Português, para Ponta Delgada, com sal. STARLING, Inglês, para Dublin, com alfarroba triturada.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério. SCHWANECK, Alemão, para Hamburgo, com cortiça e conservas. MURTEN, Suíço, para Génova, com conservas.

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 9 a 15 de Julho, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

PROPRIEDADE

Vende-se propriedade com 120 alqueires de terra, 1.500 pés de árvores, 1 morada de casas e 4 poços. Tratar com: José Rosa — Campeiras — Freguesia de Castro-Marim.

"GAZETA DE CANTANHEDE"

Com a publicação do número 1.969, festejou o nosso prezado colega «Gazeta de Cantanhede» o seu XXXIX ano de publicação. O número de aniversário, muito bem colaborado e de óptima apresentação, deve ter agradado bastante aos seus assinantes.

Ao sr. Henrique Barreto, na sua qualidade de director, e a todos quantos nele trabalham, o «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades.

TRESPASSA-SE

Uma Casa de Pasto, frente ao Mercado da Verdura, por motivo de retirada do seu proprietário. Informa: Aloino da Silva Amaro — Vila Real de Santo António.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FRATERNIDADE LUSO-BRASILEIRA

As relações de amizade entre as duas Nações irmãs: Portugal e Brasil, são, constantemente, objecto de expressivas manifestações de índole afectiva, que nunca é demais exaltar.

Dentro deste espírito, podem, em boa verdade, considerar-se embaixadas de cordialidade atlântica as turmas de futebol, portuguesas e brasileiras, que, neste momento, nos dois países consanguíneos, representam a alma desta comunidade indissolúvel.

O famoso Clube de Regatas Vasco da Gama veio realizar, em Portugal, uma série de jogos de futebol que constituiram, sem dúvida, uma admirável oportunidade de se reafirmarem os laços de esplêndida fraternidade entre a grande família lusitana.

Os dirigentes daquela importante organização desportiva, numa atitude que muito os ilustra, entregaram ao chefe do Estado, em cerimónia de tocante eloquência, uma « Mensagem a Portugal », escrita em pergaminho e assinada por vinte mil brasileiros e portugueses residentes no Brasil.

A's calorosas saudações do presidente daquela agremiação respondeu o supremo magistrado da Nação em termos afectuosos e com palavras de apreço para o Clube Vasco da Gama.

Essas palavras sinceras e nobilíssimas logo se reflectiram em terras brasileiras, pretextadas pela magnífica recepção ao clube português Sport Lisboa e Benfica que, nesta hora, disputa, com assinalável brilho e galhardia, uma competição futebolística do maior interesse: a taça « Charles Miller ».

A turma portuguesa, na capital do Brasil e em S. Paulo, tem sido calorosamente acarinhada, envolvida, permanentemente, numa atmosfera de simpatia e de ternura, para o que contribuí, de modo especial, a colaboração da colónia portuguesa, de uma exuberante hospitalidade e de um fervor patriótico indescrevíveis.

Os componentes do popularíssimo clube foram recebidos, em audiência particular, pelo Presidente da República do Brasil, que lhes manifestou, não só a gratidão da visita,—visita amiga de portugueses,—como também a perenidade dos seus sentimentos de cordial amizade para com a Nação irmã que, há pouco, conquistou pelo coração.

O intercâmbio desportivo luso-brasileiro, polarizando as multidões, espelha, admiravelmente, o complexo ideológico que funde, pelas raízes do sangue e de idioma, duas Pátrias consubstanciadas em idênticos interesses de Fé e de História.

Portugal e Brasil equivalem-se na definição de um destino comum.

CARTA DE LISBOA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

analfabetismo, houve, por mercê daquele cepticismo, que quase sempre regula a opinião pública, quem supusesse tratar-se, apenas, de uma iniciativa animada das melhores intenções, mas condicionada à transitoriedade dos entusiasmos iniciais ou à carência de verbas disponíveis e logo destinada a fundir-se, a breve trecho, na burocratizada rotina do dia-a-dia.

Sucedeu, porém, o contrário: ao entusiasmo do núcleo promotor da campanha — toda a equipa dos excelentes colaboradores do sr. dr. Veiga de Macedo — seguiu-se, como labareda que se propaga, o entusiasmo, não menos devotado, de muitas e muitas individualidades particulares, designadamente entidades patronais. Uma campanha, que se previa de simples alfabetização, deu lugar a uma empresa colectiva de educação, em tudo o que este termo se sobrepõe ao de instrução; assim, a par do incremento dado à possibilidade do ensino primário na infância, a par do número elevadíssimo atingido pelos cursos para adultos, vieram as missões culturais, a distribuição de bibliotecas, o envio, pela Província fora, das exposições itinerantes, das equipas cinematográficas, do « Teatro da Mocidade », toda uma série de empreendimentos de utilidade e oportunidade incontestáveis, sempre animados pelo mesmo calor humano, pelo mesmo sentido espiritualista dinâmico — e também pelas indispensáveis facilidades orçamentais, permitindo que a Campanha se tornasse, como se tornou, uma permanência, e demonstrasse valer obra que fica, e não simples tempo que passa, esforço que se dispende, dinheiro que se gasta.

Toda a humana tarefa comporta deficiências, erros de técnica, idealizações não conseguidas; disso haverá também no inventário da Campanha Nacional de Educação, o que, de resto, só acreditará a sua própria grandeza.

Poder-se-á igualmente perguntar, atenta a cada vez maior interdependência dos diversos sectores da vida social e da administração pública, se uma verdadeira Campanha Nacional de Educação se poderá confinar ao âmbito de um único departamento governamental ou, pelo contrário, não exigirá uma revisão geral de todo o aparelho educativo português e uma sólida coordenação de todas as forças capazes de contribuir para a pretendida educação

nacional do povo português e especialmente da sua juventude.

Inclinamo-nos para uma resposta afirmativa, o que, contudo, em nada invalida os méritos da obra empreendida pelo Subsecretário de Estado da Educação, através desta sua Campanha Nacional; nem os méritos morais — que se não podem traduzir em números, mas se reflectem num sentimento unânime de respeito e apreço — nem os méritos materiais, que, esses sim, se exprimem na clareza dos factos e dos números.

Basta dizer-se que no primeiro ano da campanha foi de 55 por cento o aumento verificado no número de matriculas no ensino primário, e que nos dois últimos anos esse aumento ascendeu a 56 por cento.

Basta dizer-se que, além da existência de 11.700 cursos livres, espalhados por todos os distritos, se encontram agora a funcionar 25.300 escolas e postos escolares, o que exprime, « apenas », um acréscimo de 47 por cento sobre o quantitativo registado no início da campanha, isto é, no ano lectivo de 1951/52; e basta, por último, dizer-se que se avalia em perto de 450.000 o número de indivíduos beneficiados pela obra da campanha, no termo do seu primeiro biénio.

Sejam quais forem as deficiências a corrigir, seja qual for o caminho que ainda falta percorrer, estes resultados objectivos chegam para justificar as vibrantes homenagens de que foi alvo, no Funchal, o Subsecretário de Estado da Educação, pela sua obra pessoal e por aquilo que representa — a abnegada legião de construtores de um Portugal Melhor, que são, no seu heroísmo tantas vezes esquecido, os professores do ensino primário. A eles se deve em boa parte que esta campanha seja, na verdade, « Uma Campanha em Marcha ».

António Maria Zorro

PRAIA DE SANTO ANTÓNIO

APESAR de ainda se encontrar incompleta a estrada que liga a Avenida da República à Praia de Santo António, é já bastante o movimento que de domingo para domingo se nota, pois sendo a princípio utilizada apenas por bicicletas e peões, agora o movimento da praia aumentou. Sendo grande o movimento, principalmente aos domingos, nota-se a falta de uma carreira de camionetas.

Para solução de um grande problema, solicitam-nos alguns frequentadores da Praia de Santo António, que, através das nossas colunas, peçamos que o poço existente na praia seja dotado de uma bomba, que podiaser a que em tempos existiu em Monte Gordo, propriedade da Câmara Municipal, a fim de se poder beber a sua fresquíssima água, que certos « engraçados » constantemente turvam e, por brincadeira, deixam cair o balde, que gentilmente é cedido pela Guarda Fiscal.

Aqui deixamos o pedido, certos de que o nosso Município, conseguirá resolver este problema, para satisfação de todos os frequentadores da Praia de Santo António.

Val a Lisboa? Vá hospedar-se na PENSÃO TORREJANA

Rua dos Douradores, 222, 3.ª LISBOA — Telef. 27853 Frente à Praça da Figueira

Diárias e dormidas — Excelente conforto e esmerado serviço de mesa variedade de comida acessível a todos os paladares Recebem-se excursões

O Futebol Vilarrealense na agonia

¡ LAMENTÁVEL e doloroso dizê-lo, mas a verdade é bem lúcida e poucos são os que duvidam, pois os factos que nos últimos anos têm assaltado o nosso futebol, diminuindo-o de valor, são suficientemente comprovativos de que o futebol pombalino se encontra em acentuada decadência. Com que tristeza não assistimos nós, vi-

larrealenses, a essa decadência! Nós, que nos orgulhámos de possuir um representante na divisão de honra, que no campo « Francisco Gomes Socorro » delirámos com as suas exibições, sentindo também de perto as suas amarguras, vimos com uma dor profunda o nosso representante, Lusitano Futebol Clube, afastar-se dos grandes, e lentamente a categoria daqueles que em tardes memoráveis foram o nosso orgulho e alegria, chegar à última divisão do futebol nacional.

Porque safu o Lusitano da divisão principal, se foi nesse ano que a constituição da sua equipa melhor se apresentou? Atestam-no as transferências dos seus briosos elementos Caldeira, Manero, Helder, Pedroto, Isaurindo, Faustino, Viegas, Padesca e os irmãos Cavéns, para bons clubes da primeira divisão. Porque foram preferidos esses jogadores? Com certeza que tinham valor suficiente para os representar.

Contudo, esses jogadores, que haviam baixado de divisão, tiveram simultaneamente uma ascensão brusca, demonstrando que possuíam capacidade para continuarem na divisão de honra.

A descida para a divisão inferior começou por enfraquecer os ânimos. As esperanças desvaneceram-se e o movimento de ressurreição de que carecia o Lusitano, por parte da sua direcção, dos seus sócios, dos seus simpatizantes e, numa palavra, de todos os vilarrealenses, não apareceu. Os seus elementos foram, na sua maioria, transferidos, e os que estavam ainda « verdes » logo que « amadureceram », seguiram o mesmo caminho dos anteriores. Como era de esperar, a equipa foi enfraquecendo sucessivamente e chegou à situação actual em que a massa associativa assiste apática e indiferente à agonia do nosso futebol, que tem a sua representação no Lusitano. Escreveu-se, até, na imprensa, que o clube ia terminar com a sua secção de futebol.

A família lusitanista está mais dividida que nunca, proclamam-se descontentamentos, tímidos uns e desassombrados outros, reconhecem-se que o prestígio do clube já não tem a influência preponderante de anos atrás, e o futebol vê-se reduzido à expressão mais modesta que a história do clube regista. Entre muitos descontentes, estão figuras das mais cotadas do clube, a quem penaliza ver a massa associativa perder-se em túbias manifestações isoladas, sem nenhuma possibilidades de um trabalho construtivo e de uma acção que possa ser útil ao Lusitano.

E porque o futebol da nossa vila atravessa uma crise embaraçosa, lançamos a ideia de um movimento de ressurreição não clandestino nem sedicioso, mas sim bem intencionado e às claras, movimento esse que abranja os dirigentes, os sócios e todos os outros vilarrealenses, para que possamos ver, com alegria, os nossos desejos coroados de êxito.

José Agostinho

EXPOSIÇÃO DE SUPER-LIBRIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

diversos volumes, alguns ricamente encadernados e decorados com raros e valiosos ex-libris exteriores.

Vai tal exposição ser, decerto, um êxito, pela variedade e riqueza dos exemplares expostos. Um catálogo, cuidadosa e metódicamente elaborado e ilustrado, ficará como recordação documental deste magnífico certame.

Todas as peças enviadas ficarão sob absoluta responsabilidade da Academia, e serão devidamente seguradas. Se algum leitor desejar expor algum ou alguns exemplares que possua, pode dirigir-se à Academia Portuguesa de Ex-libris, Rua de Vitor Cordon, 14, 2.ª, Lisboa.

POSTO DE TURISMO

O nosso prezado colega « O Semibrese » transcreveu, na integra, o nosso artigo intitulado « Breves considerações a propósito da inauguração de um Posto de Turismo ». Agradecemos.

TRESPASSA-SE

Um estabelecimento bem localizado na Rua Miguel Bombarda, n.º 58. Tratar com João Inácio Pato, Rua Almeida Garrett, n.º 12, em Vila Real de Santo António.

CINE-POZ

Apresenta, hoje, o grandioso filme CRIME E CASTIGO, com Roberto Cañedo, Lilia Prado e Carlos Lopes Moctezuma. Um drama nascido da pobreza, que se alimenta do ódio. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-Feira, 14, o esplêndido programa duplo italiano: A FIO DE ESPADA, com Frank Latimore, Milly Vitall, Franca Marzi e Nando Bruno. Um impressionante romance de capa e espada, em que palpita o amor e triunfa a valentia. FOLIAS NA ÓPERA, com Gina Lolobrigida e Carlo Campanini. (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

DOENÇAS DA PELE

só três dias de tratamento com

PRODERMA

DEPOSITÁRIOS:

Drogaria Rodrigues da Silva, L.ª COIMBRA

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL SÓ NA ANTIGA CASA RAMOS & MATEUS R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

José Celestino Afincão

Fábrica de Farinhas, Guanos e Óleos de Peixe

PROPRIETÁRIO DE SALINAS

Armazenista e distribuidor de sal comum, moído e refinado

TELEFONE 207

APARTADO

OLHÃO

Portugal

Veículos Automóveis

SCANIA VABIS — camião para cargas úteis 8.000 a 12.500 quilos DE SOTO — camião para cargas úteis de 3.000 a 8.000 quilos

Forgonetas e Automóveis das marcas

DE SOTO, RENAULT e SIMCA

Agentes no Sotavento do Algarve

Agência Comercial e Marítima do Sul VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CONFECÇÕES

Viresa, L.ª

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Atenção

reabriu a FOTO CASINO

sob a gerência de A. MONTENEGRO e com um técnico competentíssimo Executam-se todos os trabalhos em FOTOGRAFIA — com rapidez e perfeição — LINDOS BRINDES BRINXOS DO MONUMENTAL CASINO POVOA DE VARZIM

ACÇÕES

da Companhia de Pescarias Balsense

Vendem-se três títulos de 10 acções cada, em conjunto ou em separado. Recebe propostas, até ao dia 14 do corrente, o Solicitador José António dos Santos, Rua Alexandre Herculano, n.º 7 — TAVIRA

Felo Dr. CRUZ MALPIQUE

O MELHOR GOVERNO

O melhor dos governos não é centrípeto. Não vem de fora — mas de dentro. É aquele que nos ensina a governar-nos a nós próprios. Não é aquele em que vencemos os outros, mas aquele em que nos vencemos a nós mesmos.

SÁBIO E NÉSCIO

Nem sempre da boca do néscio saem erros, como nem sempre da boca do sábio saem verdades. Algumas vezes o sábio erra, e algumas vezes o néscio acerta.

Em todo o caso, mais nos queremos com os erros de quem sabe do que com as verdades de quem ignora.

O néscio, para uma verdade que, casualmente, diz, tem mil erros em que habitualmente, cai. O sábio, para um erro que possa cameter, tem mil verdades investigadas por conta própria.

O néscio, geralmente, serve-se de verdades copiadas. O sábio, sem repelir verdades já descobertas, descobre outras, e os seus erros originais valem mais que todas as verdades papagueadas pelos néscios.

E, agora e sempre, mais vale — no que respeita à investigação — um erro original do que uma verdade copiada. Com erros originais, podemos ir longe. Com verdades copiadas, ficamos eternamente a marcar passo no mesmo lugar.

ZOLA

Zola, cuja obra literária é tão discutida, louvando-a uns de boa para cima, e taxando-a outros de péssima para baixo, foi homem em que se aninharam dois homens. Tendo feito naturalismo, foi um idealista.

Tendo sido casto, como homem, pintou a luxúria, como escritor. Tendo sido abstémio, como homem, descreveu, em páginas imorredouras, o repugnante vício do álcool, com o cortejo de desgraças que o acompanha. Tendo sido um sonhador, pintou-nos a bem concreta fábrica em laboração. Tendo sido um tímido, como homem, foi um herói, como escritor, pondo a sua pena ao serviço do Dever e da Justiça, como se verificou no caso-Dreyfus, publicando o J'accuse!, pondo assim a sua vida em perigo. Tendo sido um solitário, agitou ideias de ampla repercussão social.

FILOSOFIA E CIÊNCIA

A Idade Média teve filosofia a mais e ciência a menos. Nós, os de agora, temos ciência a mais e filosofia a menos. Nem oito nem oitenta. A ciência, nas suas aplicações práticas, aproveita (quando aproveita!) principalmente ao corpo. A filosofia volta-se essencialmente para a alma.

Convém temperar a filosofia com a ciência, e esta com aquela, uma vez que somos corpo e alma.

NA CASA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pos, pois em todas as épocas, o Algarve tem produzido numerosos músicos. Para o comprovar, passou a referir-se a notáveis personalidades até hoje mal conhecidas, mas que foram grandes músicos do Algarve, tais como: dr. Guilherme Centazi, de Faro, Frei Luís das Chagas, da época da Restauração, que viveu no Convento de Silves, João dos Santos Fernandes, Joaquim Guilherme de Carvalho, dos princípios do século XIX, o organista Militão José de Sousa Coelho, de Tavira, o padre Manuel Vicente Rosário, o padre José de Sá, etc.. Entre as mais recentes figuras citadas pelo conferente, contam-se Pádua Franco e José Rebelo Neves.

Terminou por reafirmar a necessidade de um Conservatório de Música em Faro, para aproveitamento das numerosas e muito apreciáveis vocações algarvias.

Seguiu-se um Sarau de Arte, em que se fizeram ouvir a distinta cantora D.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O HEROI DE CHAIMITE FORMAÇÃO DO MUNDO LATINO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

incluindo também José Fontana, constituiram os três a direcção do primeiro partido socialista nacional. Após várias desinteligências, esse partido desfez-se. Antero e Fontana suicidaram-se. Oliveira Martins transitou para a Monarquia, sobrando a pasta da Fazenda em um ministério presidido por José Dias Ferreira, eminente professor de Direito. As finanças governamentais jaziam num caos, graças às clientelas partidárias.

Oliveira Martins, como bom português, recolheu à vida privada e, algum tempo mais, sucumbiu ao desalento físico e moral. Não lhe quero chamar um renegado e sim um desiludido.

Rocha Martins, monárquico impetuoso, com tinturas liberais, conduziu-se como audacioso inimigo dos republicanos. Em jornais de feição conservadora e na sua revista «A B C», atacou rijamente homens honestos, como José Relyas e Aboim Inglês. Fui assinante e colaborador dessa interessante revista e dela me despedi a ver um dia nas suas páginas o engenheiro Aboim Inglês, então ministro da Agricultura, vestido de moço de padeiro e de cabaz às costas...

Acompanhava essa caricatura um ataque violento àquele velho e honrado republicano.

Para Rocha Martins, nesses tempos da sua oposição, só havia um republicano íntegro: o seu compadre e amigo Artur Leitão...

Voluntarioso e impulsivo, a história relatada por este jornalista devia fatalmente ressentir-se do seu partidarismo ardente. No consulado de Sidónio Pais, apareceu feito deputado monárquico, alardeando o seu conservantismo, a sua fé e a sua maneira agressiva contra a República...

A roda das 70 anos declarou-se socialista, entrando a desferir golpes duros a Salazar e aos seus correligionários.

Por mais meia dúzia de anos que viveu, não seria melhor manter-se dentro das ideias que, por longo tempo, acalentou?

Não posso dizer de ele o mesmo que disse de Oliveira Martins. Este não era um desiludido, nem sequer um convertido: era um despedido. Como Eurico Cameira, Coelho de Carvalho e outros, a

A QUALIDADE DO PÃO

Pedem-nos vários leitores que chamemos novamente a atenção das entidades competentes para o mau fabrico, ou inferior qualidade das farinhas, que o pão chamado de 1.º vem ultimamente apresentando. O mesmo sucede também com o pão de segunda, no qual já têm sido encontradas porções interiores em massa, o que demonstra deficiência na fabricação.

Aguardamos prontas providências e mais zelo em satisfazer o público que paga e consome o pão de cada dia.

Manuela Laborde e a muito aplaudida pianista D. Maria Alvéolos de Sousa.

Manuela Laborde cantou dois trechos de Rebelo Neves, e Maria Alvéolos de Sousa executou ao piano pequenas peças da Beethoven, Chopin e Debussy. A sessão terminou com trechos musicais da autoria do maestro Pavia de Magalhães, cantados por Manuela Laborde.

Todos puderam apreciar as grandes qualidades melódicas de Rebelo Neves, a bellissima voz de Manuela Laborde, a perfeita interpretação e execução de Maria Alvéolos de Sousa e a graça e vibração da bela música de Pavia de Magalhães que, no final, foi muito aplaudido, assim como as duas referidas artistas, às quais o Presidente da Direcção da Casa do Algarve, sr. major Mateus Moreno, fez a entrega de lindos ramos de flores. A sessão, de grande elevação espiritual, constituiu um prelúdio para mais completa revelação da música e dos músicos do Algarve.

teta do Estado não vertia leite para todos os vermelhos e azuis sugarem à vontade...

O Herói de Chaimite, Joaquim Mousinho de Albuquerque, era um português à antiga. Foi pena não ter nascido dois ou três séculos antes. Austero, destemido patriota, dentro da sua alma havia duas religiões: a da Pátria e a da Esposa.

Não tenho dúvidas em afirmar que o seu gesto heróico evitou a perda da nossa África Oriental.

A prisão fulminante do Gungunhana trouxe o lógico remate a essa campanha de intrigas, cobiça e avidez de numerosos estrangeiros que ataçavam o régulo aprisionado contra o domínio de Portugal.

Caldas Xavier, Paiva Couceiro, Aires de Ornelas, Sanches de Miranda e outros combatentes portugueses, foram os pioneiros que, sob a metralha do inimigo negro, desfaldaram a bandeira das quinzenas contra os terríveis namarrais.

O capitão Mousinho, porém, é o homem que deu o golpe mortal, o epílogo glorioso das campanhas de África.

Não poucas vezes conversei com soldados que acompanharam Mousinho de Albuquerque na arrancada final, sendo todos unânimes em garantir a bravura de «o nosso capitão Mousinho!»

O respeito pelo seu comandante e o assombro pelo seu feito eram dignos de reparo, de confiança e admiração.

Mousinho ficou para sempre gravado na alma dos soldados que o seguiram na arriscada e feliz aventura!

Todos esses fiéis companheiros de Mousinho receberam a comenda da Torre e Espada!...

Mousinho, nomeado a seguir governador geral de Moçambique, não conseguiu levar a cabo uma reforma de fomento ultramarino, fora das velhas peias burocráticas do Terreiro do Paço.

Rompeu com elas e pediu a demissão. A sua chegada a Lisboa teve o colorido e a sinceridade do povo que o via com olhos lacrimosos...

Era o grande homem — o herói de Chaimite! Nomeado aú do príncipe real, pretendeu educá-lo na sua forte maneira de ser homem e português de lei!

Não o compreenderam; não o acarinharam; nem sequer os políticos profissionais souberam aquilatar o seu heroísmo e o prestígio da sua espada.

A intriga fervilhava em redor de ele, e os matos políticos, dominados pela inveja do seu nome, não o poupavam.

Um dia, aborrecido e enervado de tanta lama que o importunava, cortou a vida com um tiro.

Decorre este ano o seu primeiro centenário, uma data das mais belas que os «Lusíadas» de Camões não puderam cantar. Pois bem. Cantemo-la nós todos, os que o conheceram, os que vibram ao sopro do seu heroísmo, e as gerações escolares que presentemente desabrocham!...

Este homem era da envergadura de Alexandre Herculano, e para o seu temperamento de soldado e de cidadão, também ficariam resumindo o drama da sua vida os versos de Sá de Miranda que adiante transcrevi. Mas a posteridade escusa de conhecer as misérias da política e a maldade dos homens.

Os interiores da alma de Mousinho, pela sua grandeza e mistério, reclamam que alguém os cubra com estas três quadras do poeta saudosista Afonso Duarte!

Pintei a cor de fogo o meu convento,
O meu solar que a praia-mar
E onde faz maresia a todo o vento,
Pintei-o a cor de coração em brasa!

Sobre a alva cal, a branca cor
De antigas catações de meu avô,
— Nesta nau enclachada na Plá-nície,
Mandei que me pintassem qual eu sou.

Qual eu sou, qual a dor do meu talento!
— Cor crestada de cor almagre de tejo!
Como os dramas da crosta e acides do solo,
Sem azul, sem azul, e sem nenhum cinzento!

Marcos Algarve

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

vessem sido os primeiros fabricantes do bronze.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Os Lígures, mais inclinados para a agricultura e para a navegação, procuraram as fozes dos rios Guadalquivir, Guadiana, Tejo, Douro e Minho; e aprendendo a construir navios, cedo sulcaram os mares. Os Iberos também deram bons navegantes e para nunca brigarem com os seus irmãos Lígures, combinaram em navegar em mares diferentes, aqueles no Mediterrâneo, para negociarem os seus produtos e buscarem mais matéria prima, ocupando para isso todas as ilhas, entre a África e as costas da Europa, até ao mar Egeu onde estavam os Gregos, povo dum segunda raça, conhecida por Eslava.

Os Lígures navegaram nos mares do norte, entregando-se ao comércio muito rendoso do âmbar, com os povos da terceira raça, a dos teutões. Falavam uma língua muito arvezada, custando-lhes a entender-se com os estranhos, pela palavra. Nunca foram capazes de pronunciar Ligure, trocando sempre o Li por Lu, dizendo Lúgure, Lusire, Lusi, Luso, donde Lusitano.

Os Iberos e Lígures da vertente oriental dos Pirinéus espalharam-se por toda a França e Itália e entregaram também à agricultura e a obras de arte, distinguindo-se no levantamento de menires, blocos de pedra postos a prumo, verdadeiros obeliscos de uma só peça, de vinte e mais metros de altura, superior à de um prédio de sete pisos em Lisboa. Estes monumentos teriam servido de incitamento aos gregos na edificação do túmulo de Atreu, na Grécia, construído com paralelepípedos de 9 metros de comprimento por seis de espessura, a menos de cem anos da guerra de Troia.

Mais ou menos por esse tempo, começaram a chegar a França os teutões de além Reno, homens altos, de cabelos louros e olhos azuis, muito rudes, a que deram o nome de Gauleses e de Celtas. Depois de aprenderem a língua e cultura dos Iberos e Lígures daquela banda, apossaram-se das suas terras, escravizando os antigos possuidores e expulsando os que se não deixaram escravizar, para a Itália e a Península Ibérica.

Aqui entrados, os Iberos, sisudos, empurraram-nos para os Lusitanos, e estes para aqueles. Durante muito tempo serviram de bolas de trapos, entre os dois valentes povos, até que chegaram a um acordo amigável, deixando-os ficar no meio, no terreno mais ruim, onde nascem os rios Guadiana e Tejo, mas nunca consentindo misturas, principalmente os Lusitanos, embora viessem a ser bons vizinhos e bons camaradas.

Os que entraram na Itália apossaram-se de todo o país do Vale do Pó e norte da Península. Em 21 de Abril de 753, no alvorecer da história e das letras, um grupo de latinos, da grande família Ibero-Lígure, vendo-se apertados entre invasores estrangeiros, do norte os de raça germânica, do sul de raça eslava, os gregos, lançaram os fundamentos de uma cidade, sobre um monte chamado Palatino, próximo da embocadura do rio Lácio ou Tibre. Foi seu primeiro rei Rómulo, que deu o nome de Roma, a nova cidade, e o último Tarquínio o Soberbo.

Em 509 a. C. proclamaram a república, ficando Roma à testa de uma confederação latina de trinta e duas cidades. Proclamada a república, teve Roma de travar guerra com a Etrúria, povo da sua raça. Vencida esta ao cabo de cem anos, entraram numa luta de morte com os gauleses que teve de interromper, em 264, para se desembaraçar dos Cartagineses na Sicília.

Para se refazer das suas perdas e danos, Amílcar atacou os Iberos, tomando-lhe todo o território entre o Ebro e os Pirinéus. Em seguida atacou os Celtas, que levou de vencida até à partilha da Lusitânia, na província dos Vetões, a quem os Celtas pediram socorro. Intervindo os lusitanos, os Cartagineses sofreram temível derrota, morrendo Amílcar asfixiado no Guadiana, em 228 a. C.

Assumi o comando dos destroços do exército seu genro Asdrubal, auxiliado pelo filho de Amílcar, o grande Aníbal, os quais foram perseguidos até Cartagena, donde nunca mais avançaram. Asdrubal morreu assassinado por um escravo, a quem assassinara o senhor.

Em 218, sabendo-se que os Romanos vinham a caminho de Espanha para vingarem a destruição de Sagunto, Aníbal foi ao seu encontro na Itália, e depois de vá-

AS ESCOLAS TÉCNICAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mento industrial, ao contrário do que durante muito tempo se pensou, negando-se possibilidades de industrialização do País e defendendo a corrente de que teríamos de ser um povo essencialmente agrícola, fazendo convergir as nossas actividades no sentido dum melhor aproveitamento da terra, através do aperfeiçoamento dos nossos processos de cultura. Isto, porque não se vislumbrava a possibilidade de o nosso solo fornecer um rendimento industrial que pudesse compensar a soma de capitais que, necessariamente, teriam de ser investidos.

A realidade presente é, porém, muito diferente. A construção de barragens para o aproveitamento da energia hidro-eléctrica deixa antever um período de desenvolvimento industrial in tenso, abrindo novas perspectivas ao futuro económico da Nação. O Plano de Fomento em execução é a expressão cabal de quanto se pode fazer no caminho do progresso e do engrandecimento nacionais. Pela sua vastidão, levanta necessariamente

HOMENAGEM AO ENG. FALCONER EM AIAMONTE

Em complemento à notícia do nosso número anterior, informamos que a carinhosa homenagem prestada pelas autoridades e forças vivas de Aiamonte ao nosso amigo e estimado assinante sr. eng. Maurice D. M. Falconer teve lugar no salão nobre do Palácio Municipal daquela vizinha cidade fronteiriça. Ao acto assistiram, além do homenageado e do sr. Emílio Diogo Costa, o Alcaide sr. Don Narciso Martín Navarro, que presidiu; os srs. Comandante de Marinha de Huelva; Engenheiro de Obras Públicas de Huelva, sr. Prieto; Engenheiro das Obras do Porto de Huelva, sr. Galveas-Cañero; Cônsul de Portugal em Aiamonte, sr. dr. Eduardo Silva Ribeiro; Adjuncto Militar de Marinha em Aiamonte; Secretário Consular Britânico, sr. Nôvoa, bem como outras relevantes personalidades da vida comercial e fabril daquela cidade andaluz.

Em nome de Aiamonte, o Alcaide procedeu à imposição da medalha de ouro da cidade, por serviços distintos, (a 1.ª a ser atribuída e não a 2.ª, como por lapso noticiámos), acompanhando a cerimónia de significativas expressões de apreço pelo homenageado, o qual agradeceu com emocionadas palavras e um «Viva Aiamonte!». Ambos os discursos foram transmitidos por Rádio-Aiamonte.

rias batalhas, acabou de ficar derrotado, ele e Cartago.

Em 218 a. C., começou, como todos sabem, a guerra dos Romanos contra os Lusitanos, que levaram quase dois séculos a vencer, e em que tanto se distinguiu Viriato, nos Montes Hermínicos, esse grande general que a História Pátria trata desdenhosamente por pastor do Hermínio.

De Viriato, diz o Dicionário Universal de História e Geografia, lido em todo o mundo, escrito em francês:

«Viriato é, depois de Aníbal e de Mitridates, o mais temível inimigo que a república Romana encontrou no seu caminho!»

No ano de 51 a. C., toda a França ficara em poder dos Romanos, sendo os Gauleses expulsos ou submetidos, e o Império Latino ficou definitivamente constituído mas muito mal unido, até nosos dias, o que é muito para lamentar. As quatro nações que o formam, guardando cada uma a sua independência, sejam como quatro irmãos cada um sua casa, nunca se esquecendo que pertencem a uma única família.

Sousa Nunes

problemas acessórios, de cuja solução dependerá a realização perfeita da obra encetada pelo Governo.

O êxito dos empreendimentos constantes do Plano de Fomento assentará na existência de um número avultado de indivíduos, cuja preparação técnica seja a maior garantia, tanto no presente como no futuro. É por isso que o desenvolvimento do ensino técnico constitui hoje uma das preocupações fundamentais do Governo, que tem procurado resolver o problema com método e persistência, através da criação de escolas que hão-de fornecer a mão-de-obra necessária, e devidamente apetrechada para as exigências da industrialização. Não se podia, portanto, relegar para segundo plano o problema do desenvolvimento do ensino técnico.

«Que este aspecto não foi descurado — afirmou o ministro das Obras Públicas, na recente inauguração da Escola Industrial e Comercial de Leiria — demonstra-o a inclusão no Plano de Fomento de um capítulo especial consagrado à construção de novas escolas técnicas, lado a lado com os que se referem ao apetrechamento industrial da Nação. E confirma-o ainda a importante ampliação que bem recentemente foi introduzida no programa inicial do Plano de Fomento, e mercê da qual virá a atingir cerca de meia centena o número de novos estabelecimentos construídos até final de 1958».

Os discursos proferidos pelos srs. ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional, na inauguração da Escola Técnica de Leiria, vêm comprovar o interesse com que o Governo acompanha a necessidade de desenvolvimento do ensino técnico em Portugal. Através dos números aí apontados, constata-se que, nestes últimos três anos, a sua frequência subiu de 29 005 alunos para 36 126. Salienta-se, ainda, que o novo ano lectivo começará com mais de 20 escolas técnicas do que as existentes em 1947. Assim, passados 7 anos sobre o início do movimento de renovação encetado neste sector, o País pode contar com 68 estabelecimentos de ensino técnico profissional. Isto mostra bem o esforço dispendido pelo Governo para assegurar as condições necessárias do desenvolvimento industrial de que o País está beneficiando. «Mas — como afirmou o ministro da Educação Nacional — que importam as dificuldades, se todos temos a certeza de que em Portugal a mocidade se educa e se instrui caminhando e projectando no futuro a época áurea em que vivemos?».

Horácio Corgas

ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António